

O dicionário como ferramenta para o ensino de argumentação

*The dictionary as a tool for
argumentation teaching*

328

Christian PLANTIN (Un. Lumière Lyon 2/CNRS/ICAR/ENS)
christian.plantin@univ-lyon2.fr

Rubens DAMASCENO-MORAIS (UFG)
damasceno.morais@ufg.br

Recebido em: 31 de ago. de 2020.
Aceito em: 21 de set. de 2020.

PLANTIN, Christian; DAMASCENO-MORAIS, Rubens. O dicionário como ferramenta para o ensino de argumentação. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 11, n. esp., p. 328-347, ago. 2021. DOI: 10.22168/2237-6321-10esp2102.

Resumo: Este artigo busca apresentar a gênese e metodologia de elaboração de um dicionário de noções (PLANTIN, 2016) e, ainda, trazer à luz os fundamentos, processo de elaboração do dicionário, inédito, específico dos estudos em argumentação e retórica. Ao desnudar o conjunto teórico que compõe o material (Nova retórica, Lógica substancial, Teoria da argumentação na língua, Lógica natural, Teoria das falácias, Lógica informal, Teoria Pragmadialética, o estudo da argumentação nas interações verbais, entre outros), o objetivo deste artigo é apresentar as funcionalidades de um dicionário-instrumento, especializado, para o ensino da argumentação, sobretudo em níveis academicamente mais avançados, como graduação, pós-graduação e pesquisas em geral e que tenham pelo vasto e complexo campo da argumentação algum tipo de interesse. Este artigo tem, assim, o propósito de discutir a importância do uso de dicionários em sala de aula, sua utilidade para a aprendizagem da argumentação e para prática da leitura e escrita críticas. Apresentam-se, ainda, princípios e critérios que nortearam a elaboração do vocabulário, além de se discutir a argumentação como atividade

linguagem; o modo como os verbetes são organicamente integrados ao conjunto do livro; a importância da interação argumentativa; a situação argumentativa como eixo norteador de toda a obra; a argumentação como atividade intersubjetiva (epistêmica, afetiva e emocional) e, ainda, a argumentação como atividade crítica. O artigo apresenta, enfim, o percurso de elaboração do texto original, que já conta com a versão em português em processo de elaboração e tradução, além da versão para o espanhol.

Palavras-chave: Argumentação. Dicionário de noções. Vocabulário. Interação argumentativa.

Abstract: This article seeks to present the genesis and methodology of a dictionary mostly based in notions of argumentation and rhetorics fields (PLANTIN, 2016) and, also, bring to light the circumstances of elaboration of the original french text. By presenting the theoretical set that integrates the book (New rhetoric, Substantial logic, Theory of argumentation in language, Natural logic, Theory of fallacies, Informal logic, Pragmadialetic theory, the study of argumentation in verbal interactions, among others), the aim of this article is to present the functionalities of a specialized dictionary-instrument for the teaching of argumentation, especially at more academically advanced levels, such as undergraduate, graduate and researches in general for students and other people which have some interest in the complex field of argumentation. Thus, this article intend to discuss the importance of using dictionaries in the classroom; its usefulness for learning to argue; for critical reading and writing practice. Principles and criteria that guided the development of the vocabulary are also presented, in addition to discussing argumentation as a linguistic activity; the way in which the entries are organically integrated into the book as a whole; the importance of argumentative interaction; the argumentative situation as the guiding axis; argumentation as an intersubjective activity (epistemic; affective and emotional) and, yet, argumentation as a critical activity. Finally, the article presents the process of elaboration of the original french text, which already has the Portuguese version in process of translation and the spanish version.

Keywords: Argumentation. Dictionary of notions. Vocabulary. Argumentative interaction.

Palavras iniciais

O número especial “Dicionário, léxico e ensino de línguas” mostrou-se uma oportunidade bastante instigante e pertinente para que pudéssemos apresentar ao público os fundamentos, processo de elaboração e, inclusive, tradução de um dicionário, inédito, específico dos estudos em argumentação e retórica. Embora o foco aqui não seja especificamente dicionário para ensino de um idioma afim, o objetivo é apresentarmos as funcionalidades de um dicionário-instrumento, especializado, para o ensino da argumentação, sobretudo em níveis academicamente mais avançados, como graduação, pós-graduação e pesquisas em geral, que tenham pelo vasto e complexo campo da argumentação algum tipo de interesse. Este artigo tem, assim, o propósito de discutir a importância do uso de dicionários em sala de aula, sua utilidade para a aprendizagem da argumentação, para prática da leitura

e escrita críticas a partir da discussão dos verbetes, entre outras. Por se tratar de vocabulário elaborado originalmente em francês, servirá como integrador de culturas, visto que já conta com uma tradução para o inglês e com uma tradução em processo de elaboração para o português e para o espanhol. Não obstante, e por se tratar de um dicionário com finalidade específica, voltado para os estudos da argumentação e da retórica, neste breve texto, ressaltaremos, sobretudo, a importância do vocabulário ora apresentado como ferramenta para o ensino da argumentação, principal objetivo da obra.

O texto está dividido em seis partes. Além desta breve introdução, na primeira parte, intitulada **A gênese do Dicionário de Argumentação**, explica-se de forma breve o surgimento e o **processo de elaboração** do vocabulário especializado. Na segunda, **Dicionário de Argumentação**: uma ferramenta para a sala de aula, discute-se sobre possíveis ferramentas que podem auxiliar no processo de argumentar, inclusive apresentando-se critérios para uma análise mais refinada da argumentação. Na terceira parte, **Um contexto diversificado e em plena evolução**: multiplicidade de perspectivas teóricas, assim como na sua subseção **Emergência de novos objetos e horizontes**, esclarecemos os objetivos do Dicionário ora apresentado no vasto território da argumentação, assim como explicamos como os verbetes, mais do que verbetes aleatórios, são *noções* que têm caráter interteórico no bojo da obra, além de mostrarmos novos e possíveis campos que podem surgir a partir de abordagens argumentativas. Na quarta parte, **Por uma cultura compartilhada da argumentação**, discorremos sobre a perplexidade de alunos e professores diante de tantas e tão profícuas teorias em argumentação. Na quinta parte, **Princípios e critérios do Dicionário de Argumentação**, apresentamos e discutimos seis critérios que embasam a concepção do livro. Nesse sentido, ali apresentamos a argumentação como atividade languageira; o modo como os verbetes são organicamente integrados ao conjunto do livro; a importância da interação argumentativa; a situação argumentativa como eixo norteador de toda a obra; a argumentação como atividade intersubjetiva (epistêmica, afetiva e emocional) e, ainda, a argumentação como atividade crítica. Por fim, na sexta parte, **Tradução, adaptação, aplicação**, discutimos a relevância e alguns aspectos do processo de tradução para o português do dicionário ora apresentado.

A gênese do Dicionário de Argumentação

O *Dicionário de argumentação – uma introdução aos estudos nocionais da argumentação* (daqui para frente DA), de autoria de Christian Plantin, foi originalmente publicado em francês em 2016 (Lyon, ENS Éditions)¹. Sua tradução para o português e para o espanhol está em pleno processo de execução, como veremos na última seção deste artigo, e sua tradução para o inglês, *Dictionary of argumentation — An introduction to Argumentation Studies*, ocorreu em 2018 (Londres, College Publications). Até onde sabemos, não existe até o momento outros dicionários especificamente consagrados à argumentação no mundo. O presente dicionário traz 314 verbetes principais (ou entradas) e 66 verbetes secundários, perfazendo total de 380 entradas lexicais.

Um *verboete principal* define e comenta um conceito específico ou, dependendo da ocorrência, uma família de conceitos estreitamente relacionados. Nesse sentido, a definição proposta é ilustrada por exemplos explicativos esquemáticos e, ainda, por casos autênticos retirados de textos diversos e de interações diversas que fazem parte do dia a dia. Um *verboete secundário* remete a uma entrada principal em que um determinado conceito é mais detalhadamente definido. O papel da entrada secundária é destinado a facilitar a recuperação de informações. Nesse sentido, o sistema de remissão ali engendrado integra os verbetes e permite reforçar a coerência conceitual do conjunto do dicionário.

Todos os 314 verbetes principais (e não se pode deixar de lado os secundários) são, em realidade, conceitos e, efetivamente, um conceito é uma *ferramenta* de trabalho. Por essa razão o Dicionário que se traz à luz foi concebido na perspectiva de se tornar *uma introdução aos estudos da argumentação*, como o subtítulo indica, isto é, uma ajuda à análise e reflexão para os estudantes; um estímulo para a produção de argumentos.

O Dicionário foi escrito a partir da experiência adquirida em uma série de seminários realizados com um público internacional. Tais seminários reuniram estudantes, professores e pesquisadores de diversos campos e disciplinas, todos engajados em pesquisas em argumentação. A esse grupo também pertencem pessoas que de alguma forma trabalhavam com a argumentação ou tinham interesse pela área. Muitos dos integrantes desse público presente nos seminários de argumentação eram professores de teorias da argumentação ou estavam

¹ No original: *Dictionnaire de l'argumentation — Une introduction aux études d'argumentation*.

comprometidos com a melhora das competências argumentativas dos alunos seja num nível elementar, seja num nível mais avançado².

Esse grupo, bastante eclético, era proveniente de meios teóricos específicos e diversos, o que possibilitou debates extremamente ricos, visto que se pôde ter acesso a *corpora* extremamente diversificados ao longo dos encontros. Nesse sentido, o grupo tinha um único objetivo: discutir diferentes perspectivas para melhor compreender o tema que unia a todos ali, isto é, os meandros dos estudos em argumentação. Importante destacar que o *Dicionário* não foi escrito tomando por base uma perspectiva teórica única, pois, sabemos, o território da argumentação traz diversas abordagens teóricas que diferem bastante umas das outras. Em realidade, o objetivo do DA foi apresentar ao público definições, além de confrontar criticamente tais definições, na iminência de apresentar ao público *instrumentos* úteis para se instigar o debate acerca de preceitos, temas, ideias ligadas ao vasto universo dos estudos da argumentação. E desse modo foi concebido o material sobre o qual discorreremos mais em detalhes nas próximas seções, nas possibilidades de limite de extensão desta chamada para publicação.

DA: uma ferramenta para a sala de aula

Os verbetes do DA são conceitos-chave da linguagem utilizada no estudo da argumentação. As noções apresentadas não são definidas numa perspectiva enciclopédica nem tampouco em uma perspectiva histórica, mas com fins pedagógicos, práticos, com o intuito de ilustrarem situações correntes do dia-a-dia no que se refere ao uso de argumentos, da argumentação enfim. Nesse sentido, no DA, um conceito manifesta-se, primeiramente, como *uma ferramenta* para a compreensão e análise de dados ligados ao domínio da argumentação, permitindo a reflexão acerca de fenômenos argumentativos suficientemente próximos para serem agrupados em um mesmo verbe.

Argumentar é uma missão complexa que mobiliza, seja integral ou paralelamente, *um trabalho enunciativo* e *um trabalho interacional*. Nesse sentido, a primeira virtude da argumentação é dar voz ao conflito. A partir disso, temos que saber que argumentar pressupõe:

- 1) Saber *reconhecer* uma situação argumentativa assim que nos deparamos com uma, seja em nossa vida cotidiana, seja estampada em uma manchete de jornal;

² Os seminários, chamados ARG_Lyon e ARG_Paris, aconteciam tanto na cidade de Lyon quanto de Paris. No primeiro caso, no *Laboratoire Interactions, Corpus, Apprentissages, Représentation* – ICAR. No segundo, no *Laboratoire Communication et Politique* – GSPR/CNRS.

- 2) Reconhecer *o que está em jogo* em uma interação argumentativa;
- 3) Identificar *as posições assumidas* pelos envolvidos na argumentação, independentemente de se tratar efetivamente de uma posição ou de um ponto de vista reivindicado no conflito. Essa posição também pode ser assumida por alguém que pretende se informar acerca do conflito em jogo, adotando, neste caso, a posição de *terceiro* interessado, sem que se tome partido por nenhum dos polos envolvidos na discussão. Ainda nesse último caso, isto é, do *terceiro* envolvido, será necessário *elaborar um posicionamento próprio* de modo a não ser prontamente refutado pelos polos antagonistas já envolvidos na discussão. Reciprocamente, será necessário *escutar as posições* dos polos antagonistas, no sentido de bem compreender o que se está a debater, com o intuito de perceber qual *questão argumentativa* veio à tona e por que se está a debater um determinado assunto. E, nesse momento, alcança-se efetivamente o cerne da interação argumentativa, isto é, a sua chama: trata-se de reconhecer e de praticar as *concessões* e, sobretudo, de *negociar* os argumentos e aceitar o questionamento da sua própria posição no seio daquela discussão. Essas atitudes são indicadoras de que o compromisso com a *questão em debate* se faz necessário.

Quanto ao trabalho de análise mais refinado da argumentação, isso demandará um exercício permanente de análise dos posicionamentos do outro, além da consciência de nossas próprias estratégias de fala. Essas atividades “meta”, as quais, com a prática, acabam por se tornar atividades reflexas, fazem parte do exercício de *metalinguagem da argumentação* cuja prática é inerente à dinamicidade da argumentação.

Nesse sentido, o *DA*, na forma como apresentado, é uma ferramenta destinada a reforçar práticas argumentativas, reflexivas e que têm um papel fundamental no desenvolvimento da capacidade argumentativa inerente ao exercício de uma língua natural. Não ao acaso, o *Dicionário*, por escolha metodológica, apresenta certos verbetes integrados e que fazem parte de uma mesma família, tal como acontece com os verbetes: “baliza argumentativa” (*DA*, p. 374: *Balisage*

de l'argumentation)³, “marcadores de argumento e de conclusão” (DA, p. 375: *marqueurs d'argument et de conclusion*) ou os “morfemas argumentativos” (DA, p. 298: *morphèmes argumentatifs*) para facilitar esse exercício. A esse respeito, o DA pode auxiliar os professores que, no labor com a língua, tenham em seu programa o ensino prático da argumentação, justamente por causa dessa integração lexical, orgânica, que não olha um verbete de forma estanque, mas pertencente a um conjunto que, visto em sua integralidade, forma uma sinfonia, organicamente.

Um contexto diversificado e em plena evolução: multiplicidade de perspectivas teóricas

Os rastros da tradição ocidental de estudos da argumentação espriam-se numa trajetória de pelo menos vinte e cinco séculos. Os estudos contemporâneos são fruto de verdadeiro legado da tradição greco-latina fundada por Aristóteles, Cícero, Quintiliano e que inspiraram e ainda inspiram vários outros que se alimentam dessas fontes clássicas dos fundadores da lógica (DA, p. 349: *logique*), da dialética (DA, p. 211: *dialectique*) e da retórica (DA, p. 514: *rhétorique*). Sobreviventes ao crivo da história, muitas das problemáticas e do vocabulário empregados por esses mestres são ainda hoje muito produtivos nos estudos da argumentação e da retórica, como podemos constatar na célebre trilogia *ethos – logos – pathos*, ou na utilização de nomes de certos esquemas argumentativos.

Muitos desses nomes, como é o caso de argumentos *a fortiori* (DA, p. 18: *a fortiori*) e *ad hominem* (DA, p. 38: *ad hominem*), são nossos conhecidos e pululam em textos e análises de argumentações diversas. Outros conceitos e nomes restringem-se a contextos mais restritos de estudos da argumentação, como argumento *a conjugata* (DA, p. 17: *a conjugata*) ou argumento *ad rem* (DA, p. 295: *ad rem*), os quais precisam ser não apenas definidos e esclarecidos quando utilizados como também até renomeados ou parafraseados para que se compreenda do que se está a falar. Sobre o argumento *a conjugata*, por exemplo, é preciso esclarecer que se trata de uma argumentação que lida com termos aparentados ou de uma mesma família (DA, p. 17: *a conjugata*). Mais precisamente, trata-se de argumentos que lidam com algum tipo de aproximação entre

³ Daqui para frente, faremos algumas referências diretas à entrada ou expressão, na versão original do *Dictionnaire*. Essa é uma forma de apresentarmos aos leitores, ao longo do texto, algumas das entradas que constam do vocabulário sobre o qual discorreremos neste artigo.

termos, seja uma familiaridade/derivação terminológica, morfolexical ou mera aproximação fonética e/ou gráfica. Quanto ao argumento *ad rem*, seu emprego ali está a referir-se a algo como “argumento que toca o cerne da questão”, o “X da questão” (DA, p. 99 e 295: *ad rem*).

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, os estudos de argumentação foram vigorosamente retomados e reorientados por diferentes escolas, sob diversas denominações, em alguns casos com foco mais voltado para os estudos da lógica, ou para questões relacionadas com os estudos da dialética, ou da retórica e da gramática. Alguns exemplos dessas retomadas e reinvestidas nos estudos clássicos são trabalhos como a *Nova Retórica* da célebre dupla Perelman e Olbrechts-Tyteca; a *Lógica substancial* toulminiana, com seu célebre layout dos argumentos; a *Teoria da argumentação na língua*, proposta por Ducrot e Anscombe; a *Lógica natural* grizeana, a *Teoria das falácias* de Hamblin; estudos sobre a *Lógica informal*, desenvolvidos hodiernamente por autores como Kahane, Woods, Walton, Tindale; a *Teoria Pragmadialética*, apresentada inicialmente por van Eemeren e Grootendorst e em pleno desenvolvimento por autores como Garssen, Henkemans e, ainda, o estudo da *argumentação nas interações verbais*. Essas teorias colocaram em evidência novos fatos e novos problemas, redefinindo e reconceituando o campo da argumentação. E mais, tais estudos criaram uma ponte entre os estudos clássicos e as pesquisas contemporâneas nas ciências humanas.

Não obstante, é preciso esclarecer desde já, no DA, em nenhum momento se buscou uma apresentação minuciosa de cada uma das teorias ali aventadas pelo simples fato de que já existem excelentes apresentações e explicações acerca dessas teorias. Para confirmar isso, basta uma checagem rápida nas diferentes edições do *Handbook of Argumentation theory*, organizadas por van Eemeren *et al.* para se ter informações suficientes sobre diversas correntes teóricas. As diversas publicações com as diversas teorias da argumentação (aí incluído o colossal *Handbook* organizado por van Eemeren, publicado em 2014) apresentam em detalhes o que se buscou resgatar nos 314 verbetes principais e 66 verbetes secundários apresentados no DA, em que se tentou retomar conceitos-chave desse vasto campo no intuito de se orquestrar um diálogo entre diferentes concepções teóricas da argumentação advindos de horizontes teóricos nem sempre convergentes, muito pelo contrário.

Em realidade o DA também não tem o intuito de ser uma enciclopédia. Nesse sentido, mais do que transformar o livro num repositório de informações “wikipédicas” sobre a teoria X ou Y, buscou-

se aproximar noções, empreender ilações, aproximações, no sentido de discutirem-se e problematizarem-se conceitos. Por exemplo, na concepção de dicionário aqui apresentada, aproximou-se a noção de “linguagem enviesada” (DA, p. 117: *biais langagier*) da noção de “orientação linguística” (DA, p. 417: *orientation linguistique*). No mesmo sentido, lançar luz à noção de “esquematização” (DA, p. 531: *schématisation*) e de “plasticidade de objetos” torna-se crucial quando nos interessamos pela lógica languageira que se desenvolve na argumentação ordinária, isto é, do dia a dia, e que se opõe à pretensa estabilidade e univocidade dos objetos que pressupõem uma argumentação empreendida a partir de uma linguagem estritamente lógica. Em realidade, a organização languageira está distante da lógica estrita e mesmo da quase-lógica (DA, p. 491: *quasi-logique*). O dicionário que ora se apresenta oferece ainda um lugar essencial aos “esquemas argumentativos” (DA, p. 598: *schèmes argumentatifs*) e aos “contradiscursos” (DA, p. 116: *contre-discours*) a eles associados.

Emergência de novos objetos e horizontes

Desde os anos 80, os dados comumente levados em consideração para os estudos da argumentação foram ampliados e consideravelmente diversificados, sobretudo com o desenvolvimento de estudos voltados para a análise de interações argumentativas autênticas e, ainda, com o universo que se abriu em relação a dados advindos de mídias diversas. E mais, na aurora do século XXI, e devido à ruptura com a visão marcadamente retórica da argumentação, desenvolvem-se novos campos de pesquisa nesse domínio. Um bom exemplo é o estudo da argumentação na aprendizagem de ciências (DA, p. 614: *l'argumentation dans l'apprentissage des sciences*), na educação científica e nos debates cidadãos em torno de questões sociocientíficas.

Esses novos horizontes seduzem pesquisadores advindos de novas comunidades com objetivos bastantes específicos e que já não mais se contentam com a clássica dicotomia entre argumentação e demonstração, por eles considerada, com razão, totalmente obsoleta. Esse fôlego novo no rumo dos estudos de argumentação retira-lhe a pecha de “prima pobre” da demonstração, elevando-a ao seletivo grupo de “artes da prova” (DA, p. 467: *Arts de la preuve*), uma categorização de extrema importância no campo das ciências e da educação com foco na cidadania tecnocientífica. Esse último domínio articula os

conhecimentos tecnocientíficos com as questões e procedimentos sociocientíficos nos debates em que conhecimentos e valores sociais e políticos são perpassados pelas experiências pessoais e pelas emoções dos participantes.

Assim, distanciamo-nos das provas (ditas) “técnicas” (DA, p. 474: *preuves techniques*) (ou provas retóricas) que circunscrevem a argumentação retórica à construção do verossimilhante (DA, p. 609: *Vraisemblable*), apoiada em *endoxa* (DA, p. 222: *Endoxa*) que supostamente levam à persuasão (DA, p. 452: *Persuasion*). A contraposição de tais provas “técnicas” com as provas ditas “não técnicas” (DA, p. 474: *Preuves non-techniques*), isto é, as provas no sentido usual, não faz mais sentido nesse novo contexto, sobretudo se insistimos em nos apoiar em um vocabulário que soa, no mínimo, contraintuitivo nos dias atuais.

Essas novas maneiras de lidar com abordagens teóricas clássicas, essas novas problematizações e preocupações traduzem-se em uma significativa ampliação da comunidade de pesquisadores no domínio da argumentação. Desse modo, a elaboração do DA buscou evitar todo e qualquer antagonismo entre as “duas culturas” (cultura literária e cultura científica) e, ainda, todo e qualquer exclusivismo teórico, uma vez que uma abordagem fundamentada numa linguagem cotidiana é necessária se se quer praticar uma linguagem que permita a essa nova comunidade científica dialogar sobre fatos e teorias.

Acerca do aspecto científico, apresentar um dicionário que foque nos conceitos em sentido lato (e não em um autor específico ou em uma abordagem teórica exclusiva) permite que se façam articulações e costuras interteóricas, e, apostamos, essa é a originalidade do DA e que dá à obra um caráter mais orgânico, vivo, dinâmico, dialogal e dialógico. Apenas para citar um exemplo, o conceito de *questão argumentativa* (DA, p. 492: *Question argumentative*) e a indefectível *questão retórica* (DA, p. 548: *Question rhétorique*), trazida à tona no Séc. II a. C, permite que se articule, em torno da noção de “problema”, as atuais pesquisas sobre argumentação desenvolvidas no território da educação científica.

Por uma cultura compartilhada da argumentação

A diversidade e a complexidade de teorias no campo da argumentação são um verdadeiro desafio para o estudante pesquisador iniciante como também o é para toda pessoa disposta a compreender o que se passa nos estudos de argumentação, seja o interesse dessas

peessoas mero diletantismo ou motivação ligada a objetivos estritamente profissionais. Nesse sentido, deparamo-nos com obras muito intrincadas com elaborações teóricas peculiares e que mobilizam um vocabulário específico cuja compreensão está longe de ser evidente.

Todas as tentativas de se ensinar a argumentação de forma prática testemunham a dificuldade que existe em se articularem análises concretas ou mesmo a produção da própria argumentação. Na experiência francófona, por exemplo, não é tarefa fácil integrar a perspectiva da Nova retórica, da Argumentação na língua e da Lógica natural em um mesmo curso ou numa mesma aula. A noção de “orientação argumentativa” e a de “esquematização” passam longe de análises que se esmeram na descrição ou identificação de falácias ou de esquemas argumentativos, conceitos favoritos de perspectivas teóricas ou teorias como a Pragmadialética ou a Lógica informal.

Quem tem no trabalho com a argumentação um ofício sabe, por experiência, que o *ensino prático* da argumentação é delicado e difícil de organizar, sobretudo porque, efetivamente, cada teoria apresenta idiossincrasias que, por mais estanques que pareçam, são absolutamente coerentes no bojo de cada perspectiva teórica, mesmo se cada uma olha para aspectos e fenômenos muito peculiares. Não obstante, sabemos também, nenhuma delas conseguiria, sem fazer exclusões, congregar todas as peculiaridades de todas as teorias em argumentação num só arcabouço teórico. Disso resulta que, não apenas os estudantes, mas também os professores podem, legitimamente, sentir-se um tanto quanto perplexos diante de tantas e tão diversas vertentes, tantos vocabulários.

Nesse sentido, a tentação de se apoiar em uma só teoria e em um só objeto é, assim, impulsiva. E essa inclinação é perfeitamente legítima, mas privaria tanto estudantes quanto professores – ou quem quer que tenha inclinação pelos estudos em argumentação – de usufruir de contribuições diversas que as diversas abordagens dos estudos da argumentação poderiam proporcionar, o que é uma pena, sobretudo se se tem a intenção de analisar a *argumentação do dia a dia* ou o *everyday argument*. Por essa razão, enfatizamos, o DA é interteórico e isso diz muito da complexidade do material. Por isso também não consideramos os verbetes estanques, mas integrados, levando-se em conta o diálogo mais amplo que se tenta estabelecer entre conceitos ao longo de todo o livro, por meio dos 380 verbetes principais e secundários. E, do nosso ponto de vista, isso tem a ver com a tentativa de construção de uma cultura compartilhada da argumentação: dialógica e, sobretudo, dialogal.

Princípios e critérios do DA

Com o objetivo de apresentar de forma sintética o campo da argumentação, o DA fundamenta-se, tanto que possível, nos seis critérios que ora apresentamos, os quais atua(ra)m como norteadores para a elaboração dos verbetes principais e dos verbetes secundários.

Primeiro critério: a argumentação é uma atividade linguageira

A argumentação é um objeto de estudos que compõe os programas de todos os campos que, parcial ou inteiramente, lançam mão da argumentação em suas disciplinas que constituem o vasto campo das ciências humanas e sociais, aí incluídas a História, a Linguística, a Filosofia, a Sociologia, entre tantos outros que não é necessário aqui mencionar.

Tratar a argumentação como uma atividade linguageira não é uma maneira dissimulada de erigir um império linguístico voltado para questões de argumentação. Trata-se simplesmente de uma forma de não nos deixar esquecer que o *linguageiro* constitui o material concreto que alimentará a análise argumentativa. E, convenhamos, uma boa gramática e um bom dicionário cumprem missão extremamente relevante nessa delicada atividade.

Segundo critério: Não redefinir a argumentação

Em nenhum momento o DA se propõe a apresentar novas definições de argumentação. E essa já é uma enorme diferença em relação a outros dicionários. O vasto campo dos estudos em argumentação cumpre já essa missão, a partir de um *corpus* de definições (DA, p. 72: *Corpus de définitions*) já clássicas nesse domínio. Desse modo, o DA lança mão desse *corpora* já existentes de definições para discutir e comentar, a partir de um mapa de questões (DA, p. 81: *Questions et carrefours*), alguns dos entrecruzamentos e confluências teóricas que mostram como tais definições se articulam e se completam, na orquestração de um diálogo produtivo e orgânico.

Terceiro critério: A interação como ponto de partida

O DA adota o princípio de externalização, inspirado na primeira linha metodológica norteadora do trabalho de van Eemeren e Grootendorst (1992, p. 10). De acordo com esse princípio, é na forma de

interação (DA, p. 322: *Interaction*) que se manifestam mais claramente os mecanismos da argumentação, seja ou não o diálogo ali considerado como a forma primeira de argumentação. Na interação, as posições divergentes são explicitamente articuladas por atores específicos e que encarnam os papéis argumentativos (DA, p. 525: *Rôles argumentatifs*) de proponente, oponente e terceiro. O diálogo argumentativo, cuja interação dialética (DA, p. 212: *Interaction dialectique*) é o modelo, é uma interação explicitamente regida por normas que tiveram o sinal verde das partes para que a interação acontecesse. Os conceitos de polifonia (DA, p. 323: *polyphonie*), dialogismo (DA, p. 323: *Dialogisme*) e intertextualidade (DA, p. 323: *Intertextualité*) articulam de maneira eficaz o modo interacional e o modo monológico da fala argumentativa oral ou escrita.

Quarto critério: A situação argumentativa, um eixo fundamental

A argumentação constitui-se primeiramente por seu objeto. Nesse sentido, a *argumentação* (DA, p. 64: *Argumentation*) é o conjunto de atividades verbais e semióticas produzidas em uma *situação argumentativa* (DA, p. 76: *Situation argumentative*). A partir disso, é preciso que se compreenda a “situação argumentativa” como uma situação discursiva gerada e gerida por uma *questão argumentativa*, a qual se torna uma questão que será respondida pelos locutores (os argumentadores) por meio de respostas *sensatas e racionais, mas incompatíveis*.

Nesse sentido, o conceito central ali é a ideia de *estase* (DA, p. 548: *Stase*), a qual é provocada pela emergência de uma contradição (DA, p. 162: *Contradiction*) que bloqueia o curso natural e consensual de uma troca linguageira, regida pela preferência natural pelo acordo. Supomos mesmo que a existência de diferenças de opinião, desacordo simples, oposição de pontos de vista (*différence*) e o surgimento de conflitos ou um desacordo mais intenso, podendo chegar a uma querela judicial etc. (isto é, um *différend*), constitua um universal antropológico. Isso porque, em todas as sociedades humanas, há divergência de interesses, de pontos de vista e uma gama de escolhas possíveis. As respostas antagônicas exprimem as *conclusões* (os pontos de vista) dos argumentadores acerca de uma *questão argumentativa*. Nesse sentido, e a título de exemplo, sabemos que os assírios e os babilônios prestavam homenagem ao Deus encarregado de resolver as disputas (KRAMER, 1957, p. 76). Os inuítes resolvem ou amplificam seus conflitos interpessoais em grandes manifestações festivas em forma de cantos de duelo.

Podemos notar que esse universal argumentativo, isto é, o fato de que há *différences* e *différends* em todas as culturas, é facilmente percebido se se perscrutarem dados, estudos, mergulhos em culturas diversas (TERSIS; PLANTIN, 2020). Nesse sentido, encontramos esquemas de argumento idênticos na cultura talmúdica, na cultura chinesa, na cultura árabe-muçulmana. Ali encontramos primeiramente esquemas silogísticos, o próprio silogismo e também os esquemas *ad hominem* ou os esquemas *a fortiori* ou ainda o argumento pelas consequências, isto é, o *argumento pragmático* (DA, p. 463: *Argument pragmatique*).

No DA, os elementos do discurso e do contradiscurso, ao sustentarem conclusões, passam a ter o *status* de argumentos a partir das conclusões respectivas, e as situações argumentativas conhecem diferentes *graus* e *tipos de argumentatividade*, de acordo com os modos de relação estabelecidos entre discurso e contradiscurso e pelos parâmetros interacionais e institucionais que enquadram a situação discursiva.

No bojo do DA, ainda, destaca-se também que a *questão argumentativa* é que define a dupla pertinência argumentativa: pertinência interna do argumento para a conclusão, pertinência externa da conclusão que se busca impor acerca de um posicionamento específico em relação à questão em debate. E, nesse norte, a *estase* e a *questão argumentativa* definem a visão da argumentação como um jogo do tipo: “uma questão → muitas respostas”. Nesse sentido, a conjugação de ‘estase + questão argumentativa’ permite inclusive definir a quem cabe o ônus da prova (DA, p. 137: *Charge de la preuve*); a quem cabe compreender fenômenos como os paradoxos da argumentação e da refutação.

É preciso destacar também uma especificidade e, espera-se, uma força e contribuição do dicionário que ora se apresenta: os conceitos advêm dos estudos da argumentação e dos estudos do discurso. Destacamos, ainda, que o estudo da argumentação, na forma como o apresentamos, primeiramente na versão francesa, seguido pela tradução em inglês (2018) e pela versão em português em fase de tradução/produção, vai no sentido do estudo do raciocínio natural, isto é, que se exprime numa língua natural.

Quinto critério: A argumentação é uma atividade intersubjetiva

A argumentação definida em relação com a lógica formal está sempre às voltas com uma ideia geral de objetividade que se opõe a uma ideia de subjetividade (DA, p. 133: *Subjectivité*). Esta última geralmente

vem associada pejorativamente a caprichos e ações pessoais tributárias de traços de personalidade e visões de mundo sempre estritamente individuais (e nada “objetivas”).

No entanto, se nos interessamos pela argumentação ordinária, isto é, pela argumentação do dia a dia, é preciso conceber a subjetividade sem se contaminar pelo ranço de argumentação falaciosa. Na linhagem do que já ensinava Benveniste, o DA entende a subjetividade como uma característica da linguagem e que é imanente à argumentação cotidiana. De fato, essa perspectiva permite estruturar o domínio da argumentação, além de fornecer um guia para a análise de casos concretos. A partir disso, o DA aborda a subjetividade em dois aspectos: a subjetividade *epistêmica* e a subjetividade *afetiva*.

Subjetividade epistêmica

A subjetividade *epistêmica* corresponde ao nível de conhecimento daquele que argumenta, isto é, do argumentador. A argumentação representa a calibragem, isto é, o desenvolvimento e a retificação desse repositório de conhecimentos, aí incluídas todas as zonas de incerteza. Nesse sentido, a argumentação contribui para reduzir a incerteza, como já haviam notado Aristóteles (ao falar da abdução; DA, p. 33) ou Cícero, no conjunto de sua obra, em sua própria maneira de definir a argumentação. O próprio Toulmin, com sua já clássica formulação da argumentação como raciocínio revisável (*default reasoning* - DA, p. 85: *Argumentation V: Argumentation comme raisonnement révisable*), substituiu a visão da argumentação tida como um raciocínio simplista ou mesmo mal elaborado.

A subjetividade epistêmica é descrita por meio de diversos verbetes no DA, como quando se discorre sobre a argumentação pela causa (DA, p. 134: *Argumentation par la cause*) de acordo com o recorte realizado na tessitura causal por trás de um evento. Nesse sentido, a noção de subjetividade epistêmica - e a forma pela qual a educação pode contribuir para a sua evolução - surge já quando se adquirem conhecimentos ou no momento de se argumentar, por exemplo, em torno de questões sociocientíficas. Não obstante, essa visão da argumentação não deve ser considerada oposta à objetividade lógica ou científica. Um discurso que exprime uma posição objetiva não é uma condição preliminar para uma discussão produtiva. Isso é apenas o resultado possível de certas trocas argumentativas.

Subjetividade afetiva e emocional

A subjetividade *afetiva e emocional* é a outra face da subjetividade epistêmica. A emoção (DA, p. 225: *Émotion: la construction argumentative de l'émotion*) é normalmente associada a toda discussão argumentativa séria. Desde que ligada às representações e aos valores, a argumentação pode desestabilizar as identidades dos participantes e desencadear movimentos ligados às paixões. Nesse sentido, a emoção pode ser justificada, isto é, pode ser construída argumentativamente (PLANTIN, 2011), assim como pode ser tomada como um fato que justifica um comportamento. Tais fatos já haviam sido claramente identificados pela retórica clássica, uma vez que ali já se discorria sobre o *pathos*, um todo de emoções que são ativadas em situação argumentativa. Enfim, a emoção estrutura os esquemas argumentativos. Nesse sentido, é impossível descrever o argumento do desperdício (DA, p. 301: *Argument du gaspillage*) sem que se leve em consideração o receio de se perder algo ou a esperança de se ganhar alguma coisa.

Sexto critério: A argumentação é uma atividade crítica

A argumentação pode ser definida como o exercício da função crítica da linguagem. Essa perspectiva crítica foi reintroduzida por Hamblin (1970) no seu célebre estudo das falácias. Esse trabalho, aliás, é uma das grandes realizações das teorias contemporâneas da argumentação. Já a teoria Pragmadialética (VAN EEMEREN; GROOTENDORST, 1984) desenvolve uma acepção de falácia baseada em dez regras cuja observação pode permitir a resolução de certas diferenças de opinião. Esse sistema se mostrou empiricamente consistente com as regras implícitas que regem os comportamentos dos participantes. E tais regras, uma vez descortinadas, são uma excelente ferramenta quando se pensa em educação para a argumentação.

O DA destaca a enorme influência na tradição ocidental dessa perspectiva da argumentação vista como um sistema de regras. A postura crítica de se compreender a argumentação como um sistema de regras pode ter variado ao longo do tempo, épocas e culturas. Não obstante, tal postura acabou por se tornar um legado de nossa “cultura da argumentação”, pois não se pode desconsiderar que a argumentação é uma atividade de avaliação. A argumentação é uma atividade avaliativa; os participantes gastam seu tempo avaliando seus argumentos para valorizá-los e os de seus oponentes para refutá-los.

A esse respeito, a noção de Regra e a noção derivada de Falácia que compõem o pacote acerca da definição do que venha a ser uma discussão racional e razoável relaciona-se com outros sistemas normativos que buscam definir uma controvérsia respeitável (HEDGE, 1938) juntamente com as regras que derivam do Princípio de cooperação (DA, p. 480: *Principe de coopération*) de Grice ou as regras de polidez linguística (DA, p. 461: *Règles de la politesse linguistique*). Pode-se, inclusive, relacionar todos esses princípios com uma perspectiva antropológica e moral das práticas das controvérsias como as de Port-Royal, em que laços estreitos ligam a noção de falácia à de pecado da língua, por exemplo (DA, p. 275, *Fallacies comme péchés de langue*). O DA lembra que a primeira avaliação (DA, p. 250: *Évaluation*) dos argumentos é realizada pelos próprios participantes envolvidos em uma situação argumentativa.

Deve-se considerar ainda que a lógica informal sistematizou uma forma de crítica imanente da argumentação, integrando a cada esquema de argumentação um contradiscurso específico. De acordo com esse princípio, dedicou-se ali atenção particular às condições de refutação dos esquemas argumentativos. Num nível mais amplo, isso significa que, na perspectiva da lógica informal, os conceitos são definidos em relação com as situações discursivas a que tais conceitos são especificamente associados às configurações discursivas típicas “pró e contra” a que esses mesmos conceitos se referem.

Nesse sentido, os esquemas argumentativos são definidos como um discurso *genérico*, e as argumentações *específicas* correspondem à sua atualização em uma intervenção particular. Tais esquemas têm um papel fundamental na argumentação e, por consequência, representam um grupo essencial de verbetes no DA.

Tradução, adaptação, aplicação

Não nos atreveríamos a apresentar este artigo se estivéssemos a falar apenas da versão original do DA, ou seja, a versão em francês. Em realidade, um longo e minucioso trabalho de tradução já está em execução e pretende trazer à luz, além da versão em espanhol, a versão em português do referido livro. Acerca da versão em português, em

processo de elaboração⁴, temos a expectativa de que faça a transposição para a língua portuguesa do trabalho com noções ligadas ao campo da argumentação e da retórica, a partir das discussões e reflexões da versão original em francês. Nesse sentido, pretende-se que a tradução não seja uma mera mudança de código (francês → português), mas uma adaptação – inclusive de alguns exemplos – para o contexto da cultura brasileira, visando-se, desse modo, a aplicação de todo um conjunto de teorias que se teve o cuidado de cultivar na versão original.

Esperamos que a tradução do vocabulário permita ainda maior difusão dos estudos da argumentação, da sua complexidade, das suas implicações, das suas questões (seja essa uma *questão* argumentativa ou não), além de contribuir para o avanço dos estudos em argumentação no Brasil. Aliás, para os falantes da língua inglesa, tal trabalho já se concretizou em 2018 com a publicação do *Dictionary of Argumentation – an Introduction to Argumentation Studies*, traduzido para o inglês e publicado por *College Publications* em 2018, sob a coordenação do professor canadense Tony Blair, o qual se dedica aos estudos da lógica informal, na Universidade de Windsor, onde acontece bienalmente o insigne congresso de argumentação *Ontario Society for the Study of Argumentation / OSSA*.

Na esteira do processo de tradução do DA, em agosto de 2020, um Colóquio Internacional⁵ foi realizado para se discutirem as idiossincrasias, dificuldades e desafios de se traduzir um dicionário. O objetivo do evento foi debater a relevância de se apresentar ao público interessado pelos estudos da argumentação obras em formato de dicionários e sua função pedagógica para a ampliação e efetivação dos estudos da argumentação e da retórica não só no Brasil, mas no mundo.

⁴ O desafiante processo de tradução foi idealizado em 2018 pelo professor Eduardo Lopes Piris (UESC), o qual convidou o também professor Rubens Damasceno-Morais (UFG) para, juntos, coordenarem o hercúleo trabalho de tradução. Com o auxílio de 10 tradutores, e ao longo de várias etapas, o trabalho vem sendo arduamente realizado e está em plena execução. Gostaríamos de aqui nomear, como forma de agradecimento pela boa vontade e competência na contribuição para a tradução da versão para o português, por ordem alfabética, os professores e pesquisadores que participam da empreitada de tradução para o português: Ana Lúcia Tinoco Cabral, Angela Maria da Silva Correa, Luci Banks-Leite, Luís Fernando Bulhões Figueira, Maria Helena Cruz Pistori, Priscila Renata Gimenez, Rodrigo Seixas Pereira Barbosa, Rosalice Botelho Wakim Souza Pinto, Rui Alexandre Lalanda Martins Grácio e Suzana Leite Cortez. Não há ainda data definida para publicação, visto a dimensão do texto original (635 páginas).

⁵ Trata-se do *Colóquio Internacional – Desafios da tradução e composição do primeiro Dicionário de Argumentação no Brasil*, coordenado por Isabel Cristina Michelan de Azevedo (Universidade Federal de Sergipe), Rubens Damasceno-Morais (Universidade Federal de Goiás – UFG) e Eduardo Lopes Piris (Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC), com participação de Christian Plantin e Rui Grácio, além dos tradutores da versão para o português. Para consultas sobre o evento no Youtube, o link é: <https://youtu.be/YoSEb4Fl4Rw>

O evento ainda contou com a equipe responsável pela tradução em português, a qual relatou um pouco da experiência de todo o percurso do processo de tradução. Na oportunidade, os coordenadores do projeto, juntamente com os tradutores e público presente virtualmente, discutiram os desafios e metodologia do trabalho que vem sendo realizado no trabalho de tradução para a língua portuguesa. Nesse mesmo rumo, a Associação Brasileira de Linguística – ABRALIN, no dia 26 de outubro de 2020, promoveu, por meio da série ABRALIN AO VIVO, a conferência intitulada *Dictionnaire de l'argumentation: une introduction conceptuelle aux études d'argumentation*, em que se discutiu, entre outros temas, o papel pedagógico do referido Dicionário⁶.

Considerações finais

Em completa sintonia com a asserção divulgada na chamada deste número especial e que afirma ser “consenso entre os pesquisadores, nacionais e internacionais, a importância e o papel que o dicionário desempenha na aquisição, desenvolvimento e aprimoramento do léxico, sendo de grande eficácia para o ensino e aprendizagem”, buscamos apresentar nesse breve espaço um exemplo de gênese de um dicionário de noções, fazendo dialogarem 314 verbetes principais e 66 verbetes secundários, com o objetivo de estabelecer um diálogo crítico e produtivo entre todas as entradas lexicais, transformando-as em verdadeira ferramenta para compreensão e ensino da argumentação, de forma holística e integrada.

O fato de já contar com uma tradução para o inglês e uma tradução em execução para o português e outra para o espanhol é uma maneira de se contribuir para a ampliação do debate (que já existe, obviamente) acerca dos estudos da argumentação, um campo vasto e fragmentado que, como já destacamos, precisa de um objeto catalisador para incentivar ainda mais os interessados pelos estudos da argumentação e da retórica na reflexão sobre os meandros, melindres e idiosincrasias que pairam nesse campo tão vasto e tão complexo: um mundo em si.

Nesse sentido, espera-se, o DA busca tão-somente contribuir para a sistematização de conhecimentos nessa seara, sobretudo porque, por meio dos verbetes principais e secundários, busca-se fornecer dados,

⁶ O evento da ABRALIN AO VIVO pode ser visto integralmente no link: <https://www.youtube.com/watch?v=BTdFLiXr1cQ&feature=youtu.be>

apresentar terminologias e possibilitar conexões e sinapses teóricas que, acreditamos, poderão ajudar os estudantes a situarem-se no universo da argumentação, de forma não dogmática, pois, como dissemos, o DA não parte de uma teoria específica, mas especifica várias abordagens, organicamente, buscando um diálogo construtivo interteórico e, ainda, intrateorias, partindo sempre da análise e respeito às peculiaridades dos dados.

Referências

EEMEREN *et al.* **Handbook of Argumentation Theory**. Amsterdam: Springer Reference, 2014.

EEMEREN, F. H.; GROOTENDORST, R. **Argumentation, communication, and fallacies: A pragma-dialectical perspective**. Amsterdam: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., 1992.

MEREN, F. H. van; GROOTENDORST R. **Speech Acts in Argumentative Discussions: A theoretical model for the analysis of discussions directed towards solving conflicts of opinion**. Dordrecht: Foris, 1984.

HAMBLIN, C. L. **Fallacies**. Londres: Methuen., 1970.

HEDGE, L. **Elements of Logic, or a Summary of the General Principles and Different modes of Reasoning**. Boston: Hilliar, 1838.

KRAMER, Samujel Noah. **L'histoire commence à Sumer**. Paris: Arthaud, 1957.

PLANTIN, Christian. **Dictionary of Argumentation - an Introduction to Argumentation Studies** - With a Foreword by J. Anthony Blair. Translation and adaptation of Christian Plantin's Dictionnaire de l'argumentation, Lyon (2016). London: College Publications, 2018.

PLANTIN, Christian. **Dictionnaire de l'argumentation - une introduction aux études d'argumentation**. Lyon: ENS Éditions, 2016.

PLANTIN, Christian. **Les bonnes raisons des émotions - principes et méthode pour l'étude du discours émotionné**. Berne: Peter Lang, Sciences pour la communication, 2011.

TERSIS Nicole; PLANTIN, Christian. Attack, Defense and Counter-Attack in the Inuit Duel Songs of Ammassalik. In: PLANTIN, Christian. (ed). **Argumentation through Languages and Cultures**. Argumentation, 2020.